

## A EDUCAÇÃO PARA A PLENITUDE DO SER\*

*Divaldo Pereira Franco\*\**

Excelentíssimas autoridades presentes ou representadas, excelentíssimas senhoras, excelentíssimos senhores, queridos membros do 9º Congresso Espírita do Estado da Bahia, queridos irmãos no ideal espírita, que nos abençoem Jesus, o amigo incondicional das nossas almas.

Narra-se que o extraordinário orador ateniense Licurgo<sup>1</sup>, recebeu oportunamente um convite para falar sobre a educação. Depois de haver reflexionado, o mestre da oratória solicitou à comissão que lhe concedesse seis meses para preparar o tema.

Na oportunidade estabelecida, no imenso anfiteatro de Atenas, Licurgo apresentou-se, levando algumas jaulas, nas quais estavam dois cães e duas pequenas lebres.

Antes de emitir qualquer conceito, o admirável filósofo, que era psicólogo, abriu uma das jaulas e libertou uma lebre; ato contínuo, abriu outra jaula e libertou um mastim. O cão desesperado saiu em desabalada correria e, caçando a lebre, surpreendeu-a, estraçalhando-a, diante da multidão como-vida.

---

\* Palestra de improviso, proferida, em 31/10/96, no 9º Congresso Espírita do Estado da Bahia (Salvador-Centro de Convenções).

\*\* Natural de Feira de Santana- BA (1927). cursou a Escola Normal Rural. Em 1945, transferiu-se para Salvador, onde trabalhou no IPASE. Sua família era católica, mas, desde os 4 anos e meio, a mediunidade passou a manifestar-se em sua vida, sendo desenvolvida, principalmente, na oratória, na psicografia e na educação.

Como médium orador, inspirado pelos Espíritos, Divaldo já realizou mais de oito mil e quinhentas conferências, tendo estado em 52 países e mais de mil cidades. Esteve em mais de 30 universidades internacionais, inclusive por cinco vezes na ONU, departamento de Washington e de Viena. Os temas das suas conferências são filosóficos, científicos, sociológicos, religiosos, psicológicos, psiquiátricos, biográficos, educacionais etc., sempre atraindo a atenção de multidões, em todos os Estados do Brasil, e também do Exterior, tocados todos pela riqueza cultural e espiritual de suas conferências.

Como médium psicógrafo, foram já publicadas 146 obras, totalizando mais de quatro milhões e meio de exemplares, dos quais houve mais de oitenta traduções para quinze idiomas: albanês, alemão, castelhano, checo, dinamarquês, esperanto, francês, húngaro, inglês, italiano, polonês, português (o original foi escrito em castelhano), sueco e turco. Os assuntos das obras são

Ainda não terminara aquele impacto perturbador, quando Licurgo abriu uma outra jaula e libertou outra lebre, abriu ainda mais uma e libertou outro cão. Dominadas pela cena grotesca de antes, as pessoas aguardavam que se repetisse a cena deprimente. Para surpresa geral, o cão acercou-se da lebre e começou a brincar com solidariedade. A pequenina lebre também, por sua vez, acercou-se do animal e começou a lambe-lhe as patas e, como dois amigos, estiveram deitando e rolando no solo.

Ante a emoção que tomou conta de todos, Licurgo começou a sua peça de oratória dizendo:

---

Filosofia espírita e os problemas humanos, Comportamento, em gênero narrativo e poético, Mediunidade, Psicologia espírita, Romances, Depoimentos de além-túmulo, Infanto-juvenil e Dramaturgia. Nessas obras, ditadas sob os mais diversos estilos e gêneros literários, se apresentaram 217 Espíritos comunicantes, muitos deles ocupando lugar de destaque internacional na área literária.

Finalmente, na área educacional, Divaldo, em 1952, inaugurou a Mansão do Caminho, instituição destinada a cuidar de crianças órfãs e carentes, sob um regime pioneiro no Brasil, — os Lares Substitutos, — onde se tenta reproduzir o clima familiar na educação, evitando-se os traumas psicológicos decorrentes do internamento coletivo. Sob esse regime, ele educou mais de 600 filhos, e hoje tem mais de 200 netos, e que hoje têm formação e podem ocupar um lugar na sociedade, graças à dedicação e amparo da Mansão do Caminho. Com o passar do tempo, para ampliar o atendimento da instituição, que hoje funciona no bairro do Pau da Lima, à Rua Jaime Vieira Lima n. 1, Divaldo criou escolas e oficinas profissionalizantes e, hoje, a Mansão do Caminho pode atender, diariamente, três mil crianças e jovens carentes do bairro, sob regime de semi-internato, de tal modo que, pela Mansão, já passaram mais de cinquenta mil educandos.

Reconhecido em todo o Brasil, e também internacionalmente, Divaldo possui mais de setenta títulos de cidadania, de cidades e capitais de todo o Brasil, além de várias homenagens no exterior, destacando-se o honorífico título de *Doctor Honoris Causa em Humanidades*, concedido em 1991, pela Universidade de Concórdia, em Montreal, Canadá.

Possuindo um grande carisma e espírito de liderança, ele soube reunir uma valorosa equipe de trabalhadores, que tem dado apoio ao seu abrangente trabalho. Além de tudo, Divaldo tem inspirado a criação de dezenas de núcleos espíritas no exterior, demonstrando realmente o grande alcance de sua missão.

**Nota do Editor** - Transcrição e digitação: Nelci Antonio Fidelis, digitadora (SP).

Revisão, notas: Dr. Washington Luiz N. Fernandes, advogado (SP).

— Os dois cães são da mesma raça, têm a mesma idade, receberam a mesma alimentação. A diferença entre o primeiro e o segundo é que o segundo foi educado, o primeiro, não.

Aí estava demonstrada, de maneira incontestável, a excelência da educação. Educar é criar hábitos, hábitos saudáveis que se arraigam e que passam a constituir uma nova natureza em a criatura humana.

Como seria então o processo de educação, objetivando-se a plenitude do ser? Para que possamos chegar a essa culminância, vale a pena recordar a admirável proposta do psicólogo espanhol Mira y López<sup>2</sup> que, fazendo uma análise da evolução do pensamento no reino infantil, estabeleceu que ele passava por seis períodos diferentes.

Utilizando-nos do conceito do emérito pesquisador, dilatamos a sua proposta psicológica à humanidade, e asseveramos que a primeira fase do pensamento é *instintivo*, quando as manifestações primitivas exteriorizam as aptidões, levando a criatura aos paroxismos da barbárie.

Inevitavelmente, o ser avança para o segundo período do pensamento: o pensamento *pré-mágico*, em que despertam as suas aspirações diante da força ciclópica da natureza, pelo temor, para conceber deidades e forças que administram a realidade da vida.

A seguir, pelo fenômeno natural do desenvolvimento intelectual, o pensamento logra o terceiro período, que é o período *mágico*, perfeitamente caracterizado nas gerações do passado, nas civilizações do oriente e do ocidente, na antigüidade, como o grande Panteão dos deuses, em que as deidades estabeleciam as diretrizes de segurança das criaturas e das comunidades.

Mas, neste momento, o indivíduo desperta para a quarta fase do pensamento, quando ele se dá conta que é o centro do universo, e o seu é um pensamento *egocêntrico*.

Ele percebe que a vida existe porque ele existe; a realidade de todas as coisas é uma decorrência natural de sua capacidade de percepção e, acreditando-se ser o centro geral da vida, ele alcança o quinto patamar: o patamar do pensamento *lógico*, quando a razão lhe estabelece as linhas diretivas do bom senso, do discernimento, e faculta-lhe entrar no período de conscientização da sua realidade, após o que, ele se destaca no rumo do pensamento *cósmico*, na busca da causalidade.

Dentro dessa procura do *Logos*<sup>3</sup>, ele se integra no pensamento da realidade transcendental, mantendo a legitimidade individual. É natural, portanto, que qualquer proposta na área da educação leve em consideração os diferentes níveis de pensamento, nos quais estagiamos as criaturas humanas.

Por sua vez, o admirável psicólogo americano, considerado o maior conhecedor de oncologia do cérebro humano, o Dr. Robert de Ropp<sup>4</sup>, discípulo de Pedro Ouspensky<sup>5</sup>, estabeleceu que em realidade a criatura necessita lograr a consciência. Mas o nível de consciência da criatura humana, conforme houvera estabelecido Carl Gustav Jung<sup>6</sup>, se dá no instante em que o *ego toma conhecimento dos conteúdos psíquicos*, e tem a capacidade intelectivo-moral de discernir o que deve fazer quando pode, e de trabalhar o que pode para fazer quando deve.

Apesar de o estado de consciência ser o momento mais elevado do processo da evolução antropológico - sociológico - psicológica do ser, o Dr. Robert de Ropp estabelece que as criaturas estamos em patamares diferentes de consciência, e que o ser tem uma natureza transpessoal, Quando o ser mergulha na carne, na sua cerebração, seu primeiro nível de consciência é de *sono sem sonhos*, o que equivale ao nível de pensamento de Mira y López, aquele estágio de pensamento primário, *instintivo*, automatista.

Inevitavelmente, o ser vai adquirindo possibilidades na área da consciência e atinge o segundo patamar, que é a consciência de *sono com sonhos*, exatamente no momento em que o pensamento vai na direção da sua realidade *pré-mítica*.

Como a lei de progresso é inexorável, o ser passa para o terceiro nível de pensamento: é aquele em que, sendo o pensamento mitológico real, ele vai ter um correspondente na consciência, a consciência *lúcida*, a consciência lógica, para, de imediato, lograr a consciência que *transcende o ego* e que corresponde, na escala de Mira y López, ao estado de *egocentrismo*, ao nível de pensamento lógico e racional.

Neste momento, o indivíduo logra o pensamento *cósmico*, atinge a consciência *cósmica* e, graças a isso, atinge o estado de plenitude de ser, aquela plenitude que o integra ao pensamento causal, de onde nos originamos e para onde todos nós vamos.

Essas admiráveis conquistas da psicologia, essas propostas na área da pedagogia contemporânea da *Escola Nova*<sup>7</sup>, são resultado de um largo processo de evolução na área das conquistas metodológicas da educação.

Fazendo-se um apanhado de natureza histórica a respeito dos primeiros métodos educativos, iremos encontrar na China, na Índia e no Japão, as primeiras escolas de preparação espiritualista, quando as mensagens dos seres imortais eram cantadas monotonamente, para que fossem repetidas pelos aprendizes. Ali estavam estatuídos os códigos de ética, de comportamento e de espiritualidade.

Assim encontramos no Vedanta<sup>8</sup> as tradições ancestrais da Índia, nos *Analectos* a proposta de Confúcio<sup>9</sup> a respeito da doutrina da China, que ele tivera oportunidade de beber na boca dos ancestrais, e que deveria servir de base para a constituição do Estado e organização da família. No Egito, as escolas templárias<sup>10</sup>, na intimidade dos santuários, tinha como finalidade precípua preparar o aprendiz para que ele se tornasse um sábio e pudesse entender as leis que regem o Cosmo, e as suas aplicações na vida social. Ainda, no Egito, 300 anos antes de Jesus, no período máximo dos Ptolomeus<sup>11</sup>, aparece o *Museum*<sup>12</sup>, que mais tarde se transformará na Biblioteca de Alexandria<sup>13</sup>, que irá alcançar o seu apogeu, mais tarde, no período de Cleópatra<sup>14</sup>; e logo depois, com o aparecimento do cristianismo, o seu extraordinário acervo é incinerado por um bispo fanático<sup>15</sup> e apesar de o Império Romano tentar restabelecer os 400 mil volumes, a humanidade perdeu um dos maiores repositórios do pensamento da antigüidade oriental. Mas naquele mesmo *Museum*, vamos encontrar os pródromos das futuras escolas, não apenas as documentações em argila, em peles de animais, em pergaminhos os mais variados, mas também as aulas que eram ministradas a respeito da arte, das técnicas profundas da trepanação craniana, dos métodos para compreender a realidade da vida e da política, e traçar as normas para construir uma sociedade feliz.

Posteriormente, no período da *Escola Neoplatônica de Alexandria*<sup>16</sup>, floresceu a fase nova educação, dirigida por homens eminentes: Orígenes<sup>17</sup>, que nos deu a *Doutrina dos Princípios*<sup>18</sup>; Tertuliano<sup>19</sup>, com a *Apologetica*<sup>20</sup>, Jâmblico<sup>21</sup>, Próclos<sup>22</sup>, Agostinho de Hipona<sup>23</sup>, Eusébio<sup>24</sup>, que fundamentaram a base da vida na *lei da reencarnação*, para demonstrarem a Justiça Divina e, ao mesmo tempo, estabelecerem que o processo da evolução é lento, etapa a etapa, reencarnação a reencarnação, até o momento em que se logra atingir o estado de plenitude, de beatificação.

Compreendiam Orígenes, Tertuliano e outros, que a finalidade precípua da educação deveria ser oferecer a cultura para que os seus discípulos, mais bem equipados, pudessem entrar no pensamento de Platão<sup>25</sup>, e na liberdade preconizada por Jesus.

Foi no entanto a Grécia, de tradições históricas e filosóficas as mais arrebatadoras, que primeiro estabeleceu as bases da educação em Creta, quando o Estado reconhecia que aos pais cabia o direito de educar os filhos até os 17 anos, quando eles eram entregues ao Estado, que se encarregava de transformá-los em soldados artesãos ou cidadãos até os 27 anos.

Mais tarde Atenas, por volta do século V a.C., abriu as primeiras portas da escola do pensamento filosófico e estabeleceu a realidade do ensino para

os meninos, porque as meninas não tinham nenhuma finalidade na vida, segundo o *conceito* vigente. E ali surgiu, por primeira vez, a proposta da educação, para que o Estado seja caracterizado pela beleza, pela arte, pela cultura, pela sabedoria.

Rivalizando com Atenas, Esparta propõe a educação do homem para a guerra. A cidade-Estado aproveita as mulheres, segundo Amélia Rodrigues<sup>26</sup>, Espírito, fazendo-as mais fortes para que pudessem procriar soldados para o Estado. Em Atenas, as mães e as nutrizes encarregam-se da educação. Em Esparta, a educação é dirigida totalmente pelo Estado, e quando o Império Romano se expandiu e recebeu a doutrina florescente na Grécia, apareceram por volta dos séculos II e III a.C., as primeiras escolas públicas, para cuidarem da educação da juventude, embora o Estado reconhecesse que a tarefa da educação pertencia essencialmente aos pais, o que naturalmente será modificado mais tarde.

Ainda, segundo Amélia Rodrigues, Espírito, por ocasião do imperador Adriano<sup>27</sup>, foi diminuindo a autoridade dos pais, e o Estado absorve totalmente a educação das mentes novas, com o objetivo de poupar-se o Estado a novos embates, com aqueles que não têm amor pela Pátria, preparando esses soldados para manter a hegemonia imperial.

Mas o progresso se expande e, por ocasião do 2º Concílio Ecumênico de Constantinopla, em 553, a educação vai encontrar uma reação aos métodos do progresso cultural, e dá um passo na direção do passado, voltando agora à memorização dos textos, à repetição dos ensinamentos religiosos.

A noite medieval abafa a educação, deixando que a dominação pelo Estado e pelos clérigos realize uma doutrina de metodologia profundamente perturbadora, longe da realidade de promover a criatura humana.

A Reforma que se candidatava a reconhecer na criatura o verdadeiro legado da Divindade e, para chegar à Divindade, seria necessário instruir esse indivíduo para que ele tivesse uma visão da sua realidade, e pudesse sintonizar com o pensamento divino.

A Renascença virá depois, demonstrar que a base da Reforma vai topar nos mesmos vícios doutrinários da *fé cega*, ancestral, e lentamente a proposta da educação começa a deperecer, quando os estados germânicos, em 1528, estabelecem a necessidade da educação em língua vulgar nas aldeias, o que equivale dizer, no idioma nacional.

Essa mesma necessidade se repetiria no ano de 1565, compulsoriamente, para que se pudessem estabelecer diretrizes de cultura nacional. Mais tarde, seria recomendado pela legislação de Weimar, em 1619, a obrigação de todos os cidadãos mandarem à escola os seus filhos, entre 6 e 12 anos, a fim de receberem os alicerces básicos da educação e prepararem-se para a vida.

Agora o pensamento já se liberta do tacão dogmático e, naturalmente, os velhos métodos catequéticos continuam estabelecendo as diretrizes de formar uma mentalidade religiosa. Essa mentalidade religiosa permanece dominante, e o método da castração e da punição estabelecem que a criança é um ser adulto, recebendo as críticas mais severas de Rabelais<sup>28</sup>, de Montaigne<sup>29</sup> e, ao mesmo tempo, a proposta admirável de Jan Comenius<sup>30</sup>, o extraordinário teólogo que sai da Tchecoslováquia — perseguido pela intolerância religiosa, depois de deambular por vários países europeus — apresentou a proposta da educação intuitiva, promovendo a necessidade de apresentar a metodologia educacional do simples para o complexo. Falar-se da coisa, para depois vestir-se de palavras o pensamento, que irá colaborar grandemente à doutrina de Locke<sup>31</sup>, que apresenta mais uma vez a mesma proposta do caráter intuitivo. Neste momento, a doutrina apresentada, no pensamento filosófico de Locke, recebe o apoio de Jean Jacques Rousseau<sup>32</sup>, no seu *Contrato Social*,<sup>33</sup> quando o eminente pedagogo francês e filósofo propõe uma democracia na base da educação popular, que ele completa mais tarde, na sua obra *Emílio*<sup>34</sup>. Rousseau oferece o programa educacional para preparar o estado feliz mediante o respeito à criatura; a construção de um ser feliz, por intermédio da metodologia educativa.

Neste momento admirável que apareceu a alma grandiosa de Pestalozzi<sup>35</sup>, que vem demitizar a tradição, dizendo que a criança não é um adulto em miniatura, mas um ser em formação.

Apesar de a pedagogia ancestral haver pensado na possibilidade de uma educação infantil, Pestalozzi, no castelo de Yverdon<sup>36</sup>, ergueu a alma infantil às culminâncias dantes jamais conhecidas, fazendo do seu Instituto modelo da *era nova*, e recebendo de Froebel<sup>37</sup> admirável colaboração, quando esse, fascinado pela metodologia pestalozziana, cria os jardins de infância. Depois de haver visitado esse mesmo educandário, Fichte<sup>38</sup>, o grande filósofo alemão, faz propaganda na Europa dos métodos pestalozzianos, que são a melhor maneira de preparar a criatura para enfrentar-se e conquistar o mundo.

O progresso agora já não pode ficar mais detido nas sombras medievais, nem nas intolerâncias de qualquer natureza. Porque no Instituto de Pestalozzi, o jovem Hippolyte Léon Denizard Rivail<sup>39</sup> recebeu do mestre a formação de uma personalidade vígil, caracterizada pelos valores ético-morais, compreendendo que a educação é mais do que o ato de transmitir informações intelectivas. Quando partiu para Paris, *le professeur* Rivail inaugura na *cidade-luz* a sua primeira escola, a escola de 1<sup>o</sup> grau, onde ele ensaia os passos da mentalidade francesa nos métodos pestalozzianos. No ano de

1826, com a sua *Instituição Denizard*, ele reconheceu a necessidade de plasmar nas almas juvenis a proposta libertadora de Pestalozzi a respeito do amor, a necessidade de ministrar o conhecimento, mas também de trabalhar a ética e de desenvolver as virtudes. Conforme o programa apresentado em 1828, ele diz que a educação é uma ciência, e que a educação naquela época, estava atrasada 100 anos. Podia-se dizer que a educação daquele momento correspondia à química há 100 anos antes, quando era totalmente ignorada como ciência e fazia parte da alquimia...

A proposta de *le professeur* Rivail irá naturalmente apresentar perspectivas admiráveis, que não foram levadas em consideração.

Naqueles dias de retrocesso, por volta do ano 1000, a escola naturalmente teve que ser desenvolvida ao lado das propostas religiosas, quando as classes abastadas começaram a contratar pedagogos, educadores, à semelhança do que ocorria em Roma, quando as pessoas esclarecidas e politicamente escravas se encarregavam de educar os filhos dos seus senhores. Isto abriu espaço para o surgimento das primeiras universidades, trazendo então de volta a figura do professor com uma visão mais ampla dos limites, e sem compromisso doutrinário com mensagem de qualquer natureza.

A proposta de *le professeur* Rivail repete a experiência do ano 1000, para que se abram educandários onde o ensino seja livre e se tenha oportunidade de desfrutar das bênçãos do conhecimento.

No dia 18 de abril de 1861, a Sociedade de Antropologia em França recebe uma notificação curiosa do Dr. Paul Pierre Broca<sup>40</sup>. Ele afirmava que, depois de haver realizado uma trepanação craniana num psicopata, que estivera reiteradas vezes no hospital de La Salpêtrière, em La Bicêtre, nos últimos 21 anos, por uma problemática de afasia, ele lograra descobrir o centro da palavra na 3ª circunvolução frontal esquerda.

O Sr. Leborne, que ele dissecara depois de morto, abria agora perspectivas dantes não sonhadas para a Fisiologia e para a Psicologia, que começa a libertar-se da Psiquiatria. Esse descobrimento propiciou ao pensamento dialético estabelecer que a criatura humana é o seu cérebro, que o cérebro é a sede da vida, e que todas as funções que existem —, orgânicas ou psíquicas—, têm a sua representação cerebral, mesmo que não identificada. Isto facultou espaço para o materialismo mecanicista e organicista, e a educação sofre o impacto dessa nova proposta. Entre 1861 e 1888, a contribuição do grande fisiologista Pavlov<sup>41</sup>, identificando os *reflexos condicionados*, será direcionada para a doutrina da educação.

Mais tarde, a contribuição de Sigmund Freud<sup>42</sup> a respeito das tendências da dominação da libido na personalidade humana, faz surgir uma educação eminentemente materialista.



Sabe-se hoje que o cérebro humano, que antes era considerado como um órgão, passa a ser agora denominado como uma glândula, porque até 1940, aproximadamente, acreditava-se que o cérebro possuía 2 bilhões de neurônios ou células nervosas. Na década de 60, com o crescimento da cultura e graças aos microscópios eletrônicos, estabeleceu-se que o cérebro humano era constituído por aproximadamente 50 bilhões de neurônios. Na década de 80, essa cifra cedeu lugar a perspectivas ainda mais fascinantes, constatando-se que o cérebro humano é constituído de 75 a 100 bilhões de neurônios, com finalidades específicas, sendo que estes neurônios secretam enzimas, cerebrinas e tornando-se de alguma forma, glândula, com finalidades especiais para manter o equilíbrio da organização psicossomática, e ao mesmo tempo em que dirige o mundo mental, conduz a organização física. Pôde-se perceber que, diariamente, morrem milhões de células nervosas, que não se repetem mas, apesar disso, se esse cérebro for exercitado pelo mecanismo da mente, ele transforma as demais células em *dendrites* ou árvores, que se encarregam de mandar as sinapses, as mensagens, que viajarão para armazenar o conhecimento.

No momento em que se chegou a esta conclusão, uma pergunta foi inevitável: Será o cérebro que produz o pensamento ? Ou o pensamento apenas se exterioriza através do cérebro? O que é o pensamento?

Mira y López tentou aprofundar na questão desafiadora do pensamento, e deteve-se nele como sendo uma secreção cerebral. Mas a moderna psicologia, adentrando-se na realidade transpessoal do ser, estabeleceu que o pensamento é uma irradiação da mente, da consciência, e o cérebro é o instrumento encarregado de decodificar essa mensagem tornando-a pensamento, exteriorizando-a pelas palavras em mensagens simbólicas, para facultar a comunicação. Essa mente não está vinculada ao cérebro como consequência dele, mas o cérebro está vinculado à mente, que dele se utiliza...

A psicologia transpessoal veio decretar a realidade da ciência espírita, quando Allan Kardec<sup>43</sup> interrogou às Entidades Venerandas, conforme se lê na questão 621 de O LIVRO DOS ESPÍRITOS: *Onde está escrita a Lei de Deus? Na consciência.*

A consciência não pertence ao cérebro, a consciência é a exteriorização da realidade do ser eterno, que viaja na indumentária carnal, que mergulha no corpo e dele se liberta, ininterrupta, incessantemente, até lograr o seu estado de *Nirvana*<sup>44</sup>, de reino dos céus, de plenitude ou de *Samadi*<sup>45</sup>.

A ciência psicológica, transpessoal *matando* o materialismo mecanicista e organicista ancestral, chegava à realidade de detectar o Espírito como

realidade de formação psíquica, como muito bem estabeleceu o grande investigador inglês Firsoff<sup>46</sup>, que definiu o *espírito como sendo uma energia semelhante à eletricidade e à gravidade*, e a faculdade de pensar constituída de *mindons*<sup>47</sup>, de partículas de mente, demonstrando que o Espírito possui uma psicologia e uma fisiologia, tendo, portanto, um peso, não sendo um ser abstrato, mas um ser físico, dentro do conceito da Física Quântica.

A Ciência Espírita era convidada, agora, a uma visão de uma criatura integral, que não é apenas a criatura cerebral, mas uma criatura constituída de corpo, perispírito e espírito; ou de soma, psicossoma e de energia pensante. Essa energia pensante é o Espírito imortal, conforme definiram os espíritos O LIVRO DOS ESPÍRITOS, de A. Kardec, questão n. 21: *o espírito é o princípio inteligente do Universo*. E na questão 76 (op. cit.), *é o ser inteligente do Universo, que povoa o mundo espiritual além do mundo material*. Esse ser inteligente reencarna e, ao reencarnar-se, traz as experiências da etapa anterior.

Educar é criar novos hábitos, corrigindo os hábitos ancestrais, que, muitas vezes, induzem o indivíduo ao pensamento primitivo da agressividade, da sua ferocidade ao equilíbrio, ao discernimento, à razão. A Psicologia chega a este momento admirável, apoiando a tese pedagógica de Allan Kardec, nos comentários ao item 685a (op. cit.). Examinando a resposta que os espíritos deram, quanto ao dever dos filhos para com os pais, dos jovens para com os mais idosos, repetindo a velha técnica de que a educação era dos pais para com os filhos, dos irmãos mais velhos para com os mais novos, Allan Kardec considera que a solução para o grande problema da Humanidade é a educação. *Não essa educação intelectual apenas, mas a de natureza moral*, aquela que pode mudar os quadros da violência e da irresponsabilidade, essas duas grandes chagas da Humanidade, que a educação perfeitamente aplicada pode supurar.

Allan Kardec volta a dizer que a educação agora é uma arte, arte difícil, porque é vivencial, toda ela estabelecida em bases em que a Pedagogia, com o apoio da Psicologia, reconhecem como necessárias. Só assim será possível entender os níveis de evolução e estabelecer os métodos mais compatíveis para diferentes pessoas, os indivíduos, as personalidades desse momento, encarnadas, que são desafios do processo evolutivo da própria humanidade.

A educação, portanto, tem muito a ver com a realidade do ser transpessoal, com a legitimidade do Espírito, e é por isso que a Doutrina Espírita, sem dogmatizar, estabelece que educar é a grande proposta para construir uma sociedade feliz.

Felizmente, no Brasil, já chegamos, pelo menos teoricamente, a uma visão recente no mês de setembro, quando o excelentíssimo Sr. Ministro da Educação, Prof. Paulo Renato de Souza, estabeleceu nos novos currículos os chamados temas transversais: o estudo do sexo na escola, da ética, o estudo principalmente dos valores morais e, ao lado deles, o desenvolvimento da ecologia, a realidade da criatura, que estavam relegados a um plano secundário, quando a Psicologia da década de 60 havia proposto a proibição de se negar à criança tudo aquilo quanto ela quisesse.

Foi nesse período que nasceu a visão de liberdade — libertina, como muito bem teve a oportunidade de definir o psicopedagogo de Stanford, o Dr. William Bacon<sup>48</sup>, ao afirmar que esta proposta, de não orientar os hábitos da criança, criou uma sociedade de crianças mal-educadas, atrevidas nas suas palavras, grosseiras e amorais.

Necessário, pois, uma revisão psicopedagógica para disciplinar a criança, não pelos métodos bárbaros da coarquitação, nem da punição, contra os quais Jan Comenius, Pestalozzi, Rousseau e Locke, se levantaram no passado, mas através do seu desenvolvimento, da sua responsabilidade.

Educar para a vida e para o descobrimento de si mesmo, educar para a eternidade, esta é a visão da Doutrina Espírita, na sua função psicopedagógica. Nesse sentido, recai sobre os pais uma grave responsabilidade porque, no reino animal, a criatura humana é o único ser que tem uma infância muito larga, pois todos os insetos nascem adultos; a maioria dos mamíferos, ao primeiro ano, já atinge a idade adulta e, a partir de três anos, muitos desses mamíferos já podem procriar.

A criatura humana, no entanto, tem uma primeira infância, uma segunda infância e a adolescência, que são períodos hábeis, *plasmáveis*, para que a educação construa um cidadão, dando-lhe responsabilidade, mas não apenas através de métodos verbais, e sim, também, de experiências vivenciais, transformando o lar numa verdadeira escola, que o é, porque, quando não apresenta uma metodologia superior, transforma-se numa escola de desrespeito e de crime.

A família é a primeira célula da sociedade, em que se desenvolvem os valores éticos, as responsabilidades morais, e onde o amor atinge a sua plenitude, particularmente quando a luz da Doutrina Espírita explica que os nossos filhos não são nossos filhos; eles não são um amontoado de células que nos pertencem, pelo fenômeno procriativo. São Espíritos, e devem ser orientados na condição de Espíritos, ensinando-se-lhes de acordo com o nível de pensamento e de consciência no qual se encontram e, etapa a etapa, crescendo com eles, em perfeita consonância com os mestres, os outros

educadores, para que haja uma perfeita identificação de postulados e resultados saudáveis, a benefício da posteridade, na qual estaremos todos nós de retorno.

Educar, portanto, é criar hábitos saudáveis, hábitos que se ajustem ao respeito às leis de liberdade, que tem como limite a fronteira da liberdade do nosso próximo. Essa educação vai levar, naturalmente, à plenitude do ser, porque vai levar à conscientização da educação espírita, perfeitamente assimilável pelas crianças, como disse Allan Kardec, com muita propriedade... Narrou ele que, em sua viagem de 1862, teve oportunidade de encontrar crianças educadas, à luz do Espiritismo, nas casas em que se tinha hospedado, notando que elas eram diferentes daquelas crianças mal-educadas, petulantes, atrevidas, que fazem o agrado dos pais irresponsáveis que, por sua vez, serão vítimas delas mesmas, porque aquilo que fizermos à criança, iremos colher como resultados futuros.

Já se asseverava com muita propriedade, pela boca de Pitágoras<sup>49</sup>: *Se educarmos a criança não teremos necessidade de punir o cidadão.*

Todo o investimento de amor é convidado a fazer parte da metodologia da moderna doutrina educacional, a fim de que as crianças de hoje, os jovens de amanhã, os cidadãos do futuro, os Espíritos que se estarão desencarnados mais tarde, tenham a consciência exata dos seus deveres e das suas responsabilidades.

Nesse sentido, a Doutrina Espírita faz um grande apelo, quando nos propõe educar o Espírito, orientar a forma, direcionar o instinto, coibir o abuso, disciplinar as tendências negativas, as más inclinações, e trabalhar concomitantemente para o desenvolvimento intelecto-moral do ser.

Essa extraordinária proposta faz-me recordar uma bela história do Talmude<sup>50</sup>, a respeito de Alexandre Magno da Macedônia<sup>51</sup>.

O conquistador do mundo estava acostumado a submeter ao seu talento, tudo o que encontrava pela frente. Indisciplinado, filho de Felipe, da Macedônia<sup>52</sup>, havia conquistado toda a Terra banhada pelo mar mediterrâneo.

Conta-se, no Talmude, que ele tinha o hábito de, ao chegar diante de um córrego, procurar sentir a mensagem da Natureza.

Oportunamente, entre duas batalhas, ele viu um córrego fascinante que cantava, em uma paisagem bucólica e rica de lirismo. Apesar de não ser um homem que pudesse criar simpatias, porque tinha os dentes pontiagudos, era de baixa estatura, apresentava uma expressão de ferocidade na face, Alexandre Magno aproximou-se do córrego e sentiu o fascínio da Natureza. Sensibilizou-se, pegou um peixe defumado, de que se ia utilizar para o repasto e o lavou naquelas águas para tirar o excesso do sal. Pôs-se a comer, e

percebeu que o peixe tinha um sabor estranho, para melhor, tornara-se um acepipe. Tocado pela emotividade, ele disse de si para consigo, e para os seus cortesãos: — "Este rio deve ter a nascente no paraíso, as suas águas são abençoadas"; e tomado pelo desejo de conquista, ele, para quem a vida não tinha limites, foi com os seus servos bordejando o rio até uma nascente, que parecia ser a entrada do paraíso. Ao chegar ali, havia uma porta alcandorada e respirava-se a psicofera celestial.

Alexandre, fascinado, gritou:

— Abram a porta que o conquistador da Terra está chegando!

Uma voz interior lhe disse:

— Mas aqui você não é conhecido, você nada fez que merecesse registros entre nós.

— Eu sou Alexandre, o mundo treme quando houve o meu nome; as cidades começam a ruir antes da minha chegada, quero adentrar-me no paraíso.

A voz lhe respondeu:

— Faltam-lhe credenciais. Para adentrar aqui é necessário possuir algo, que lhe falta.

Alexandre voltou a instar:

— Eu tenho tudo, eu conquistei a Terra, o que mais querem exigir de mim?

— Valores morais, valores éticos que lhe faltam, educação, respeito pela vida, valores de natureza espiritual.

Alexandre retrucou:

— Mas eu poderia arrombá-la então; eu poderei trazer os meus exércitos...

Ouviu-se um sorriso suave de mofa do outro lado do paraíso. Humilhado, Alexandre pediu que, pelo menos, lhe dessem alguma coisa para poder dizer à posteridade que um dia tinha estado no paraíso, pois que ninguém acreditaria que um homem como ele teria podido chegar ao pórtico triunfante do paraíso.

De lá de dentro atiraram-lhe alguma coisa, que deveria ser preciosa.

Alexandre apanhou-a, e quando olhou, era um pedaço de osso de uma caveira. Ele esteve a ponto de atirá-lo fora, mas era a única documentação que possuía para tornar crível a façanha de haver chegado ali.

Retornou e reuniu a corte, e depois de contar essa extraordinária jornada, foi tomado de ira, porque aquele pedaço de osso nauseante, ridículo, tornava-o de alguma forma personalidade vil. Ele pegou o osso e atirou longe.

Um sábio lhe disse:

— Senhor, não faça assim, esse pedaço de caveira tem uma mensagem oculta; por favor vá recolhê-lo.

Alexandre foi buscar o pedaço de osso e o sábio, tomando de uma balança, propôs-lhe:

— Coloque-o num dos pratos da balança — e o prato cedeu — Agora mande buscar uma barra de ouro, e coloque-a no outro prato.

Veio uma barra de ouro e, colocada no recipiente, o osso pesava mais, e mais outra barra de ouro e gemas preciosas e metais preciosos, e o osso continuava tranqüilo, pesando mais do que os tesouros que Alexandre recolhera. Sem poder entender aquele processo mágico, Alexandre perguntou ao sábio:

— Mas do que se trata? Qual o milagre que esse osso possui?

Ele respondeu:

— Simples Senhor, muito simples.

Pegou um punhado de terra e jogou sobre o osso, então o mesmo tornou--se leve, o prato da balança subiu e Alexandre agora estarecido interrogou:

— Mas o que quer dizer tudo isso?

— Senhor, este osso representa a ambição do olho daqueles que tudo quanto vêem querem possuir. Deseducados em relação à vida, tornam-se títeres, fazem-se cruéis, mas, por mais demorada seja a existência, dia chega em que a vida se lhe interrompe e um punhado de terra silencia esta avareza, a precipitação, a violência, e tudo volta à origem, às normas do princípio.

O Talmude assevera que, a partir daquele momento, Alexandre Magno pôs-se em reflexão, e começou a manter contacto com o filósofo Diógenes<sup>53</sup>, a quem amava, graças à sua doutrina.

O pensamento cínico de Diógenes, fascinando o conquistador do mundo, fez com que ele começasse as suas primeiras experiências educacionais, porque ele havia dominado o mundo pelas armas, mas, deseducado, ele não se havia disciplinado a si mesmo.

A proposta da educação para a plenitude do ser começa no momento do auto-encontro da criatura, quando identificamos a consciência e despertamos para a realidade espiritual que somos, transmitindo àqueles que conosco vivem, aprendizes que somos todos uns dos outros, o contributo da nossa mensagem positiva, — alimentadora de esperanças, enriquecedora de valores, como escreveu com propriedade a prof<sup>a</sup> Leda Jesuíno, em admirável artigo *A Perspectiva Axiológica da Educação*<sup>54</sup>. Repetindo Borges<sup>55</sup>, a emi-nente educadora baiana disse que era necessário proporcionar uma educa-

ção ética, fundamentada nos valores éticos. Essa educação a Doutrina Espírita propõe em o *ser integral*, o ser eterno, que no momento da sua consumpção cerebral continuará vivendo, levando seu patrimônio para crescer em pensamento e, na próxima etapa reencarnatória, encontrar-se numa fase mais avançada de pensamento e de consciência, preparando a sociedade para uma era melhor, organizando o mundo para uma sociedade mais justa.

O Presidente da Federação Espírita do Estado da Bahia, Sr. Edivaldo Veloso, se referiu às aflições das criaturas neste momento, quase amanhecer do terceiro milênio, acerca das catástrofes, das tragédias, das misérias do Apocalipse. Adimos nós outros, que a grande revolução será dentro da criatura humana, os terremotos e maremotos ocorrerão em nosso ser interior, mudando de ética, dessa ética imediata do *dê-me cá* para *devolver lá*.

Dentro desses valores que ficam com Alexandre, ou que foram muito bem representados na proposta da mensagem de Licurgo, quando pudermos demonstrar que somos construtores do mundo ideal, e que a nossa vida é um espelho onde se vai refletir as outras vidas, estaremos assim preparando as criaturas de uma forma sábia, para a plenitude, apresentando o programa de educação para que o ser atinja sua realidade transpessoal. A morte, então, não se lhe afigurará como uma desgraça, as vicissitudes da vida não lhe constituirão tragédias, mas desafios e oportunidades de crescimento.

*Educere*, ou *educatio*, dentro do conceito do verbete latino, *educere*, educar, é arrancar de dentro, as experiências que estão dormindo no indivíduo, que vieram com ele do *eidós*<sup>56</sup>, do mundo das idéias, como afirmavam Sócrates<sup>57</sup> e Platão.

Educar, dentro da possibilidade da plenitude do ser, é fazer o indivíduo viajar para dentro, através da metodologia moderna. Ao descobrir-se, descobrir a vida, e perceber que é uma criatura por Deus criada, com uma finalidade específica, que é a felicidade total. Os velhos *fantasmas* do período pré-mítico, do período mitológico, cederão lugar a uma realidade risonha, como muito bem escreveu Eros<sup>58</sup>, na apresentação desse Congresso, se referindo ao momento em que o lobo e a ovelha pastarão juntos, e quando as flores não se voltarem mais para fora, senão para dentro das casas... Nesses novos tempos que virão, as criaturas nos daremos as mãos umas às outras, e na condição de verdadeiros irmãos, erguer-nos-emos para bendizer à vida, e alcançando este alto nível de conhecimento, repetir:

Meu Deus, quanta beleza eu consigo vislumbrar no altar da natureza, e tendo por modelo Jesus, o mestre por excelência, que ainda permanece como uma figura máxima.

Num momento em que um jovem que desejava com ele aprender lhe diz:

— Bom mestre!

Ele o adverte:

— À ninguém chameis de bom, senão ao Pai; mas mestre sim, eu o sou.

Colocando Jesus na condição de mestre em nossa escola, no dia a dia de nossa vida, em nosso lar, ou no educandário, tê-lo-emos de braços abertos falando à multidão. Mas nós, por nossa vez, iremos dizer da nossa alegria, da nossa ufanía, pela alegria de viver:

Senhor, eu gostaria de declarar-te que amo a vida,/ que para mim é bela e é consentida;/ gostaria de dizer-te da minha felicidade,/ por isso eu venho louvar,/ quando outros estão a blasfemar./ Quero agradecer,/ falar-te que para mim a vida tem um significado de amor./ Muito obrigado Senhor,/ pelo que me deste, pelo que me dás,/ pelo ar, pelo pão, pela paz./

Pela beleza que os meus olhos vêem no altar da natureza,/ olhos que fitam o céu, a terra e o mar,/ que acompanham a ave ligeira/ que corre fagueira pelo céu de anil,/ que se detêm na terra verde,/ salpicada de flores em tonalidades mil./

Muito obrigado, Senhor,/ porque eu posso ver meu amor,/ mas diante da minha visão,/ pelos cegos eu te formulo uma oração,/ porque eu sei/ que depois de se debaterem na escuridão,/ de andarem na multidão,/ de tropeçarem na solidão,/ no Teu reino eles também enxergarão.

Muito obrigado,/ pelos ouvidos meus,/ que me foram dados por Deus;/ ouvidos que ouvem,/ o tamborilar da chuva no telheiro,/ a melodia do vento nos ramos do salgueiro,/ e as lágrimas que choram pelos olhos do mundo inteiro;/ouvidos que ouvem,/ a música do povo,/ que desce do morro à praça, a cantar,/ a melodia dos imortais,/ que a gente ouve uma vez,/ e não esquece nunca mais./ A voz melodiosa, canora e melancólica do boiadeiro,/ e a dor que chora e geme no coração do mundo inteiro.

Pela minha faculdade de ouvir,/ pelos surdos eu te quero pedir,/ eu sei que depois dessa dor,/ no teu reino de amor,/ eles voltarão a sentir./

Muito obrigado/ pela minha voz,/ mas também pela sua voz,/ pela voz que ama,/ que canta, que ilumina, que instrui, que educa, que legisla,/ pela voz que o Teu nome profere com sentida emoção./ Por isso eu Te faço uma oração;/porém, me lembrando daqueles que vivem na afasia/ e não falam de noite, nem de dia,/ eu Te quero rogar por eles,/ porque eu sei que depois dessa dor,/ no Teu reino de amor, também cantarão.

Muito obrigado pelas minhas mãos,/ principalmente pelas mãos que aram,/ que trabalham,/ que semeiam,/ que agasalham,/ mãos de amor, mãos de ternura, mãos que libertam da amargura,/ mãos de caridade, de solidari-



idade; mãos que estreitam mãos,/ de psicografias, de cirurgias, mãos de sinfonia./

Pelas mãos dos adeuses,/ que limpam feridas,/ que enxugam lágrimas das vidas;/ que atendem a velhice e a dor,/ o desamor,/ pelas mãos que no seio embalam o corpo de um filho alheio,/ sem receio,/ e pelos pés que me levam a andar,/ sem reclamar,/ muito obrigado, Senhor,/ porque eu posso me movimentar./ Diante do meu corpo perfeito eu Te quero louvar,/ porque eu vejo na Terra infelizes, aleijados, amputados, marcados, paralisados,/ que não podem andar./ Oro por eles,/ e rogo comiseração,/ porque eu sei que, depois desta expiação,/ na outra encarnação,/ eles também bailarão./

Muito obrigado, por fim,/ pelo meu lar;/ é tão maravilhoso ter um lar,/ e não é importante se esse lar é uma mansão,/ ou uma tapera,/ um ninho, ou uma casa no caminho,/ um grabato de dor, um bangalô, ou seja lá o que for./ Mas é importante que dentro dele exista a figura do amor,/ do amor de mãe ou de pai,/ de esposa ou de marido,/ de filho ou de irmão,/ a presença de um amigo,/ de alguém que nos dê a mão,/ pelo menos a companhia de um cão,/ porque é muito doloroso viver na solidão./

Mas se eu a ninguém tiver para me amar,/ nem um teto para me agasalhar,/ ou uma cama para me deitar,/ nem aí reclamarei,/ nem maldirei,/ porque eu Te tenho a Ti,/ e Te quero dizer:

Obrigado Senhor,/ porque eu nasci, muito obrigado porque eu creio em Ti,/ pelo Teu amor,/ educando-nos para a plenitude do ser, muito obrigado Senhor! Pela sua atenção, muito obrigado senhores!

## NOTAS

- <sup>1</sup> Licurgo (390-324 a.C.). Grande orador e político ateniense, aluno de Platão, que de 328 a 326 teve ativa participação no governo de Atenas.
- <sup>2</sup> Prof. Emilio Mira y López (1896-1964) - Nascido em Santiago de Cuba, então colônia espanhola, logo transferiu-se para Barcelona. Doutorou-se em Medicina, em Madrid, tendo sido mestre de Psicologia e Psiquiatria na Universidade de Barcelona. Em 1945 transferiu-se para o Brasil, tendo sido diretor do Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro.
- <sup>3</sup> *Logus* - Do grego *lógoz- lógos*; lat. *Verbum* - Pelo contexto da colocação, o autor utiliza o termo no sentido de sabedoria, razão enquanto causa do mundo.
- <sup>4</sup> Dr. Robert Sylvester de Ropp - Bioquímico e oncologista americano.

- <sup>5</sup> Pedro Ouspensky (1878-1947) - Pensador russo, discípulo do filósofo e místico George Gurdjieff (1872-1949), e também um dos grandes representantes da Psicologia Transpessoal, de base espiritualista e voltada à evolução possível da criatura humana.
- <sup>6</sup> Carl Gustav Jung (1875-1961) - Psiquiatra e psicanalista suíço, seguidor do médico e psicanalista austríaco Sigmund Freud (1856-1939). A partir de 1912, porém, começaram a surgir divergências fundamentais entre Jung e Freud, ocorrendo o afastamento entre ambos.
- <sup>7</sup> Escola nova - Expressão utilizada para representar a renovação educacional a partir do século 17, cujos métodos de ensino, mais humanizados, passaram a buscar a integração da vida nos alunos no aspecto físico, moral, intelectual e artístico, começando-se a levar em consideração a sua individualidade.
- <sup>8</sup> Vedanta - Do sânscrito *Vedanta* — o fim dos Vedas — Um dos seis sistemas filosóficos do bramanismo sectário da Índia, chamados ortodoxos, considerado como a essência dos Vedas (conjunto das escrituras sagradas de várias religiões da Índia), e que deu origem a várias escolas que afirmam a unidade essencial de todas as coisas e se orientam pela busca do estado de perfeição.
- <sup>9</sup> Confúcio (551-479 a.C.) - Filósofo chinês, sua filosofia está centrada na idéia de que, aperfeiçoando-se a si próprio, o sábio difunde em torno dele um princípio de ordem que se expande de pessoa a pessoa, do indivíduo a todo o universo; ele incentiva também o respeito em relação à família e à sociedade.
- <sup>10</sup> Escolas templárias - As Ordens templárias, de caráter religioso-militar, foram criadas a partir de 1119 pelo cavaleiro Hugues de Payns ( ? - 1136), mais oito companheiros (Godofredo Roval, Godofredo de Saint-Omer, Godofredo Bisol, Payens de Montdidier, Archembaud de Saint-Aignan, Andrés de Montbard e Gonremar), em Jerusalém, no tempo das Cruzadas, com o nome de Pobres Cavaleiros de Cristo, dedicando-se à proteção dos peregrinos da Terra Santa, principalmente contra saques e ataques dos sarracenos.
- <sup>11</sup> Ptolomeus - denominação de alguns soberanos da dinastia ptolomaica, também conhecida como dinastia dos lágidas, que reinou no Egito entre 304 a.C. a 30 a.C.
- <sup>12</sup> *Museum* - Latim- Museo - Edificação acadêmica de artes e ciências, sob a iniciativa de Ptolomeu I (360-283 a.C.), realizado por Ptolomeu II Filadelfo (309-246 a.C.) (v.nota 13).
- <sup>13</sup> Situada no *Museum* (v. nota 12), no bairro Bruchium, perto do porto, fundada por Ptolomeu Soter I, sob a orientação do célebre orador, filósofo e estadista ateniense Demétrio de Falera (c. 350- ?), a partir da sua experiência na Biblioteca de Atenas. Tornou-se a mais famosa biblioteca da antiguidade clássica, com um bibliotecários pagos pelo rei, destacando-se os nomes de Zenódoto, Eratóstenes, Apolônio, Aristófanos e Aristarco.

- <sup>14</sup> Cleópatra - Nome de sete rainhas do Egito. Na citação, trata-se de Cleópatra VII (69 - 30 a.C.), rainha de 51 a 30 a.C. Foi uma das personagens mais notáveis da dinastia lágida, que restaurou o poderio do Egito a ponto de inquietar o império romano.
- <sup>15</sup> A citação se refere a Amrú ó Amr Bem Al Así ( ? - 43 d.C.), guerreiro muçulmano, que inicialmente era um perseguidor do maometismo, mas depois a ele se converteu. Nomeado por Omar (séc. 1 d.C.) o generalíssimo de suas tropas, partiu para o Egito, conquistando Farmah e Menfis.
- <sup>16</sup> Movimento filosófico, cujo centro era Alexandria (séc. 3 e 4), e que fez do platonismo uma fé mística. Proveio de uma junção das influências racionais da Grécia e das influências místicas de origem hindu e judaica. Seu fundador foi Ammonios Saccas, mas seus principais representantes foram os filósofos gregos Plotino (c. 205-270) e Porfírio (234-305).
- <sup>17</sup> Orígenes (c. 185 - 252) - Escritor grego cristão, teólogo, dirigiu a escola catequética de Alexandria, sendo um dos principais pensadores da antiguidade cristã.
- <sup>18</sup> Doutrina do filósofo grego cristão Orígenes, surgida em 230, em Alexandria, considerada uma de suas obras de fundo dogmático, em que aborda os dogmas ou artigos fundamentais da fé, buscando apresentar uma sistematização da doutrina.
- <sup>19</sup> Tertuliano (c. 155 - 222) - Escritor cristão grego, o primeiro em língua latina, era pagão e converteu-se ao cristianismo, desempenhando na África do Norte um magistério doutrinário; apologista e polemista, muito contribuiu para a formação do latim cristão e de uma língua teológica nova.
- <sup>20</sup> Obras de Tertuliano, de defesa do cristianismo, composta por volta do ano de 197, dirigida aos governadores das províncias do império, chegando a estudar, além dos aspectos doutrinários, também os aspectos jurídicos das leis de perseguição aos cristãos.
- <sup>21</sup> Jâmblico (c. 250-330) - Filósofo grego, partidário do platonismo e defensor do panteão grego clássico. Seu politeísmo é unificado por uma visão racionalista fundada na idéia da onipotência das matemáticas.
- <sup>22</sup> Próclos (412-485) - Filósofo grego, um dos mais célebres neoplatônicos. Dirigiu a escola neoplatônica de Atenas, dedicando a sua vida a uma incessante atividade intelectual.
- <sup>23</sup> Agostinho de Hipona (354-430) - Doutor da Igreja latina, romano da África, foi bispo de Hipona, cidade da Núbia, antiga colônia de Cartago.
- <sup>24</sup> Eusébio (c. 265-340) - Escridor e prelado grego, bispo de Cesaréia. Considerado o verdadeiro fundador da historiografia eclesiástica, fixou as bases da cronologia até 323, em sua *Crônica*.
- <sup>25</sup> Platão (427 - 347 a.C.) - Filósofo grego, de família nobre, discípulo de Sócrates. Sua obra conta com 28 Diálogos, muitos deles centrados na figura de Sócrates.

- <sup>26</sup> Amélia Augusta Sacramento Rodrigues (1861-1926) - Professora, tradutora e poetisa baiana, cristã, que deixou uma grande contribuição literária e cultural à história da Bahia. Suas obras mais conhecidas são *Do Meu Arquivo* e *Mestra e Mãe*. A partir da década de 60, o médium Divaldo Franco passou a receber mediunicamente comunicações de Amélia Rodrigues em Espírito.
- <sup>27</sup> Adriano (76-138) - Imperador romano, fez valer uma política defensiva, reforçando as defesas do Império. Percorreu as províncias, para melhor conhecer os povos e decidir sobre as reformas necessárias.
- <sup>28</sup> François Rabelais (1494-1553) - Escritor francês, uma das maiores expressões do renascimento. Foi frade franciscano, mas renunciou à vida religiosa.
- <sup>29</sup> Michel Montaigne (1533-1592) - Escritor e pensador francês, uma das maiores figuras do renascimento. Deu expressão ao humanismo subjetivista da época.
- <sup>30</sup> Jan Comenius (1592-1670) - Religioso e humanista checo foi precursor da educação moderna, em virtude das suas concepções humanistas e pedagógicas.
- <sup>31</sup> John Locke (1632-1704) - Filósofo e teórico político inglês, que além de seu materialismo sensualista, defendeu o liberalismo político e a tolerância religiosa. Na área educacional, propôs um ensino que partisse dos fatos, embasado nas ciências da natureza.
- <sup>32</sup> Jean Jacques Rousseau (1712-1778) - Filósofo e romancista genebrino, um dos pensadores de maior influência na época contemporânea. Na área político-filosófica, suas obras mais importantes são *Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens*, e *o Contrato Social*, e, na área educacional, *Emílio ou Da Educação*.
- <sup>33</sup> *Contrato Social ou Princípios de direito político* - Fragmento de uma vasta obra inacabada de Rousseau (v. nota 32), onde ele expõe a teoria do contrato social, opondo aquilo que pode ser (a justiça ideal), com aquilo que é (o direito realmente praticado), demonstrando que o povo constitui a única origem possível de um governo legítimo, razão pela qual o livro exerceu grande influência sobre o processo da Revolução Francesa.
- <sup>34</sup> *Emílio ou Da educação* - v. nota (32).
- <sup>35</sup> Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827) - Emérito educador e pedagogo suíço, considerado um dos principais precursores da Escola Nova, da Pedagogia Social e Moral, e que caracterizou-se como sendo o *homem-ação* e o *homem-bondade*. Dirigiu-se institutos educacionais em Münchenbuchsee, Neuuhof, Stans, Burgdorf e Yverdon.
- <sup>36</sup> Castelo de Yverdon - Construção do século 13, que de 1805 a 1825 abrigou o célebre Instituto de Yverdon, dirigido por Pestalozzi, atraindo a atenção de todo o mundo. A escola chegou a ter 150 alunos, das mais variadas nacionalidades, inclusive estudantes brasileiros, e que recebiam uma sólida formação cultural e científica.

- <sup>37</sup> Frederick Fröebel (1782-1852) - Educador alemão, discípulo de Pestalozzi.
- <sup>38</sup> Johann Gottlieb Fichte (1762-1814) - Filósofo alemão, primeiro professor de filosofia da Academia de Berlim. Sua filosofia apresenta dois aspectos: um, rigoroso e abstrato, cuja teoria é uma reflexão sobre a liberdade; no outro, se revela um filósofo da vida econômica e social. Um dos fundadores da moderna filosofia, do método fenomenológico.
- <sup>39</sup> Hippolyte Léon Denizard Rivail - v. nota (43).
- <sup>40</sup> Dr. Paul Pierre Broca (1824 - 1880) - Cirurgião e antropólogo francês, conhecido por suas investigações sobre o cérebro humano. Além da descoberta da zona relacionada à linguagem, é considerado um dos pioneiros da antropologia física moderna.
- <sup>41</sup> Ivan Petrovitch Pavlov (1849-1936) - Fisiologista e psicólogo soviético, Nobel de Medicina e Fisiologia em 1904. Seus trabalhos influenciaram profundamente a psicofisiologia e a psicologia experimental e a descoberta dos reflexos condicionados orientou todas as pesquisas sobre a aprendizagem.
- <sup>42</sup> Sigmund Freud (1856-1939) - Médico e psicanalista suíço, fundador da Psicanálise.
- <sup>43</sup> Allan Kardec (1804-1869) - Cognome do pensador e pedagogo francês, Hippolyte Léon Denizard Rivail, aluno de Pestalozzi em Yverdon, tornando-se seu discípulo. Publicou mais de 20 obras de pedagogia e didática da língua francesa, dirigindo também Institutos de educação em Paris. Interessando-se pelos fenômenos espíritas, estudou-os em profundidade, tornando-se o codificador da nova doutrina, adotando o pseudônimo de Allan Kardec que, segundo informações dos Espíritos, foi o nome que teve numa encarnação como sacerdote druída, no período das Gálias. Como Allan Kardec, publicou os livros fundamentais do Espiritismo: *O Livro dos Espíritos*, 1857, *O Livro dos Médiuns*, 1861, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, 1864, *O Céu e o Inferno*, 1865, *A Gênese os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo*, 1868, além de ter editado, a partir de 1858 até 1869, o mensário *A Revista Espírita*.
- <sup>44</sup> Do sânscrito *nirvana*, extinção - No budismo, última etapa da contemplação, caracterizada pela ausência da dor e pela posse da verdade, através da superação dos desejos e como decorrência da integração do ser individual no Ser Universal.
- <sup>45</sup> Do sânscrito *samadhi*, êxtase - Realização da última etapa da Yoga, na qual o discípulo atinge a compreensão da existência e a comunhão com o universo.
- <sup>46</sup> Grande investigador inglês - A referência é ao astrônomo, matemático e físico britânico James Hopwood Jeans (1877-1946), autor de numerosos trabalhos sobre física e astronomia.
- <sup>47</sup> Neologismo inglês cujo sentido aproximado seria *Partículas mentais* cujas propriedades são semelhantes ao neutrino.
- <sup>48</sup> Dr. William Bacon - Psicólogo americano.

- <sup>49</sup> Matemático e filósofo grego (séc. 6 a.C.) que nada deixou por escrito. O seu nome está ligado ao teorema da hipotenusa, que em verdade já era conhecido dos babilônios pelo menos um milênio antes dele. Atribuíram-se-lhe também o teorema da soma dos ângulos do triângulo, a construção de certos poliedros regulares e o início do cálculo das proporções.
- <sup>50</sup> Do hebraico *Talmud* - Uma das obras mais importantes do judaísmo pós-bíblico e considerada a interpretação autêntica da Torá, constituindo-se de comentários da lei mosaica, realizados pelas grandes escolas rabínicas.
- <sup>51</sup> Alexandre III, o Grande (356-323 a.C.) - Rei da Macedônia (336-323 a.C.).
- <sup>52</sup> Felipe II da Macedônia (382-336 a.C.), pai de Alexandre o Grande, deu início ao projeto de conquista asiática, depois executada por seu filho.
- <sup>53</sup> O Cínico (404- 323 a.C.) - Filósofo grego, um dos mais célebres discípulos de Anaxímenes (585-525 a.C.), e que também fez estudos de Anatomia.
- <sup>54</sup> Publicado no jornal mensal do Instituto Anísio Teixeira, Salvador/BA, em Abril/Maio de 1996.
- <sup>55</sup> Jorge Luís Borges (1899-1986) - Escritor argentino, o mais conhecido da América espanhola, sua obra testemunha a tentativa de negar o tempo através da própria escrita. Como poeta foi vanguardista, exaltando os aspectos cosmopolitas e suburbanos de Buenos Aires.
- <sup>56</sup> Do grego *eidōz* - Termo com o qual Platão indicava a idéia; já para o filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.), significa a forma; na filosofia contemporânea, o filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938) indica por ele a essência, que se evidencia pela redução fenomenológica.
- <sup>57</sup> Filósofo grego (470/469-399 a.C.), considerado o pai da filosofia. Nada deixou por escrito, e o que dele se conhece se deve a outros filósofos gregos, como Xenofonte ( 430-355 a.C.), que nos oferece dele uma imagem simplista; de Aristófanes (445-386 a.C.), que o denigre sob uma visão caricatural; de Platão , seu principal discípulo, que lhe dá uma estatura fundamental na história da filosofia.
- <sup>58</sup> Pseudônimo com o qual se faz conhecer um Espírito, que transmite comunicações pelo médium Divaldo, mantendo-se no anonimato. Sabe-se que teve uma encarnação feminina no Rio de Janeiro, no século 20. Através de Divaldo ditou vários livros.